

Sou também esta

Sono anche questa

Exposição individual de Rosa Maria

E eu, meu Deus,
extasiada,
vendo, sentindo e acompanhando,
fremente,
aquela inesperada gestação.

- Um bulbo, tubérculo, célula
de vida rejeitada, levada na hora certa
à maternidade da terra

A flor... (21-29)

Cora Coralina, A flor.

A exposição *Sou também esta/Sono anche questa*, de Rosa Maria, reúne um conjunto de trabalhos de mais de três décadas de produção. Suas obras são apresentadas em dois momentos distintos, separados fisicamente por duas salas na Casa Contemporânea. Na primeira delas a unidade da flor, que vive na efemeridade dos dias, é decomposta e, a partir dela, articulam-se formas de continuidade. Na segunda, a artista se organiza na junção, reunindo partes, formando acúmulos organizados em espécies de livros, mapas e diários. Esses momentos são determinantes para compreender a pesquisa de Rosa, que coleciona pedaços dos lugares onde esteve, no corpo e nas gavetas.

a. Quantas pétalas tem uma flor?

Há perguntas que não anseiam por serem respondidas, elas são gestadas como modos de interpretação e buscam duração. “Quantas pétalas tem uma flor?” é uma dessas perguntas para Rosa Maria. A indagação sustenta um campo de investigação sem almejar uma conclusão. É a partir dela que a artista articula um manifesto criativo.

A rosa é o ponto de entrada. O que Rosa faz com ela é um gesto de outra ordem ao despentalar. No movimento de separar o que a flor reúne, algo se rompe: a forma, e com ela o pacto pelo qual reconhecemos naquela reunião de pétalas uma unidade. O que permanece é um vocabulário. Cada pétala é contornada no papel, desenhada, numerada, recortada e ordenada pela artista, assim deixa de ser parte de uma flor e passa a ser elemento de construção. A decomposição instaura uma gramática. A pergunta fundante

orienta esse processo e sustenta um campo de investigação. Conservar o nome da flor sem se deixar capturar por sua iconografia.

Esse gesto tem também outra dimensão, um modo de permanência para aquilo que é breve. A flor existe dentro de um ciclo efêmero. Ela nasce, transforma-se e desaparece dentro de um intervalo que o olhar pode acompanhar. Ao despertar, Rosa prolonga esse intervalo, estende o tempo da flor em outro tempo - o do papel, o do desenho, o da recomposição. A efemeridade é transferida para outra materialidade, onde pode ser investigada com mais vagar.

A primeira sala da exposição desenvolve sistematicamente o procedimento de análise e recomposição que a pergunta inaugurou. Rosa desmembrou a flor. Separou suas pétalas, numerou-as e organizou-as. Esse gesto transforma o objeto natural em estrutura manipulável e em vocabulário a partir do qual se pode construir.

b. O corpo antes da forma

Antes do sistema, há a sensação. Rosa Maria experiencia um estado que antecede a forma visível, ela diz que é como sentir a primavera antes dela se mostrar. Perceber um florescimento como estado interno que se plasma no fazer. O trabalho é a própria percepção encontrando concretude.

Para Baruch Spinoza, a potência do corpo está em afetar e ser afetado. Esses afetos - passivos quando somos atravessados por forças exteriores, ativos quando o corpo age na intenção de expandir-se - determinam o quanto nossa capacidade de agir no mundo aumenta ou diminui. O que Rosa desenvolve em sua prática é, nesse sentido, um conjunto de dispositivos para que o corpo seja afetado pela arte e, ao ser afetado, afete. As sutis interferências que ela opera nos materiais são maneiras de manter esse circuito aberto.

O desenho entra aqui como prática de atenção, não apenas de registro. Há uma concentração particular no ato de contornar cada folha floral em diferentes tipos de papel, que reorganiza o olhar, aprofunda a relação com aquilo que se observa, e torna visíveis aspectos que a visão cotidiana deixa escapar. Um volume, uma borda, uma variação de textura. São coisas que existiam antes do desenho, mas que são absorvidas pela artista no ato de desenhá-las. O desenho é o mundo sendo notado de outro modo e documentado nos seus detalhes.

Algumas obras da exposição são fixas, configurando algumas das muitas possibilidades que o sistema elaborado pela artista comporta. Outras podem ser manipuladas pelo público, que se torna participante do procedimento investigativo. Esse conjunto de trabalhos de Rosa apresenta o método em funcionamento. O visitante é convidado a entender que há um campo de composições possíveis, e que cada escolha revela algo diferente sobre a estrutura que a origina e sobre seu articulador.

c. Técnica como negociação

Duas técnicas são evidentes na obra de Rosa e estabelecem relações distintas com o tempo e com o controle. No sumiê, o gesto é rápido e irreversível. Qualquer hesitação se inscreve no resultado. É uma linguagem que educa o gesto para a decisão, que faz do instante uma forma de compromisso.

A aquarela opera de outro modo. A tinta se espalha, migra pela fibra do papel, combina-se com outras cores e cria formas que escapam à antecipação. A substância tem vontade própria. Há uma negociação constante entre o que a artista propõe e o que o papel e a tinta respondem, e é justamente nesse campo de imprevisibilidade que algo de essencial acontece. O trabalho se constrói também naquilo que excede o controle.

Desenho e aquarela se complementam e se tensionam. O desenho organiza, delimita, estabelece estrutura. A aquarela amplia, dissolve bordas, introduz variação cromática e acaso. Entre o contorno e a mancha, entre o que é definido e o que é contingente, a prática de Rosa encontra seu território.

Os desenhos exibidos em sobreposição na segunda sala da mostra são camadas do tempo vivido. Dimensionam o volume de uma dedicação que nunca cessou completamente, mesmo nos períodos de menor produção formal. O ato de desenhar é, para Rosa, uma ação, uma forma de existir que demonstra um corpo que se afeta e aumenta sua potência de agir.

d. O papel como interlocutor

Os materiais assumem protagonismo nessa prática. Ao longo de décadas, Rosa reuniu papéis raros e fios de linha colecionados em viagens. Esse acúmulo configura uma coleção fora do sentido tradicional, em que o repertório existe para ser ativado. A fibra, a textura, a cor original de cada papel entram em diálogo com a artista.

O mesmo vale para tecidos que aparecem em alguns trabalhos, que frequentemente constituem livros, elementos do cotidiano que carregam marcas de uso. Rosa incorpora essas marcas, recontextualiza-as, torna-as parte de uma atenção que o trabalho de arte amplia. O que era utilitário passa a operar em outra escala de percepção que elabora um catálogo de tramas.

Os livros de artista introduzem uma dimensão temporal específica. Neles a imagem se revela à medida que as páginas são viradas. Há uma sequência, um ritmo, uma duração que o objeto impõe à experiência.

Desenhos que começam no papel tendem, na prática de Rosa, a deslocar-se para estruturas que ocupam o espaço. Objetos manipuláveis, peças que dependem da ação de

quem as encontra, assim o trabalho transita entre dimensões, e esse trânsito é parte de sua natureza.

e. Sou também esta

O título da exposição emerge de uma formulação em primeira pessoa: sou também esta. É um posicionamento da artista em relação ao trabalho, da prática artística em relação a uma identidade que ela integra sem se esgotar. *Sou também esta/Sono anche questa* afirma que a prática artística é inseparável de quem a executa e, simultaneamente, que ela é apenas uma das dimensões dessa pessoa. O também é a palavra que sustenta tudo. Ele recusa a redução da identidade à arte e evoca a continuidade entre ambas.

A presença do italiano na construção original do título conta sobre uma trajetória pessoal: Rosa viveu por décadas na Itália, e a língua carrega histórias da infância. O “eu” adulto é o mesmo organismo metamorfoseado pelo tempo, mas não é a mesma pessoa. A variação entre idiomas fragmenta o próprio corpo do título, e, ainda assim, ambos compartilham a mesma essência e significado.

Esta exposição, a primeira de Rosa Maria, apresenta um campo de investigação em curso: suas questões, seus procedimentos, seus materiais e seu tempo. As rosas ainda podem ser despetaladas de outros modos. Os papéis acumulados ainda guardam possibilidades por explorar. E o desenho continua...

Ana Carla Soler
abril/2026